

# Mutilação sexual das mulheres faz 200 milhões de vítimas no mundo

*Dia Mundial da Luta contra a Mutilação Genital, celebrado nesta terça-feira (6), lembra que 3 milhões de meninas morrem todos os anos em decorrência deste tipo de agressão, ainda tolerada em muitos países do mundo.*

[\(G1, 06/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Na Costa do Marfim, cerca de 30% a 40% das mulheres sofreram mutilação genital, uma prática ilegal, passível de ser punida por lei, mas que ainda vigora informalmente na sociedade local. As crianças do sexo feminino são geralmente mutiladas desde o nascimento, mas a prática está tão arraigada que algumas adolescentes decidem passar pela excisão genital para não serem excluídas de seu grupo ou comunidade.

Foi o caso da escritora marfinense Aminata Traoré, que atualmente realiza um trabalho de sensibilização nas escolas do país africano contra a prática. “Nas escolas secundárias, a menina que não sofreu excisão genital fica fora do grupo, ela é rejeitada por outros...”

Em algum momento, ela mesma toma a iniciativa de sofrer a mutilação sem o consentimento dos pais. É chocante, mas é uma convenção social na aldeia e a garota pensa que ela deve pertencer a essa sociedade: ela é moralmente obrigada a ser mutilada”, diz Traoré.

A escritora decidiu realizar um trabalho de conscientização nas escolas secundárias “para permitir que as crianças expressem sua opinião, essas crianças escolarizadas que se tornarão a base em suas famílias e nas escolas”. “Os próprios jovens rejeitam aquelas que não sofreram mutilação durante o recreio nos colégios, acham que trazem má sorte”, conta.

**No Chade, mutilações são punidas, mas as tradições persistem**

As mutilações genitais femininas, práticas que remontam ao período pré-colonial, também são reprimidas por lei. Mas a prática não dá sinais de recuar, embora várias sanções tenham sido implementadas, dentro de uma política de conscientização.

A região de Mandoul, no sul do Chade, é uma das partes do país onde a prática da excisão é generalizada. Todos os anos durante as férias, centenas de meninas são mutiladas, algumas vindas da capital. “2015, por exemplo, foi um ano recorde quando mais de 200 garotas foram extirpadas”, lembra o secretário-geral da região.

As autoridades lançaram um movimento de forte repressão à excisão genital no país, sem conseguir, no entanto, diminuir este fenômeno que resiste clandestinamente. A partir das dificuldades encontradas, autoridades e associações perceberam que, em vez de repressão, o caminho deve ser o de dialogar e convencer.

Naïlar Clarisse, presidente da Liaison Cell of Women’s Associations, concorda com esta alternativa. “Com a conscientização fomos capazes de fazer muitos progressos. Hoje, as pessoas estão se tornando conscientes deste problema e até reconhecem agora que a prática da mutilação genital feminina mina a integridade física destas garotas”, diz.

De acordo com o novo Código Penal Chadiano, a mutilação genital feminina é punida com prisão de um a cinco anos, além de uma multa de até 100 mil francos chadianos, cerca de R\$ 600.

### **Mutilação genital é praticada em todo o mundo**

O fenômeno da mutilação genital na África é muitas vezes destacado por especialistas e jornalistas, mas a prática não se limita a esse continente, como explica Christine Beynis, enfermeira aposentada com experiência na Guiné e na França, entrevistada pela RFI. “Há muito mais mulheres mutiladas na Indonésia do que na África”, explica a ex-enfermeira. As mulheres indonésias são todas excisadas! ”, denuncia.

O número de mulheres extirpadas no mundo atualmente é de 200 milhões: “No Iêmen, no Iraque, as mulheres curdas são todas excisadas, continua

Christine Beynis, “ouvi dizer que até as mulheres chechenas haviam sido submetidas à excisão”, afirma.

“Um grande trabalho já foi feito. Temos países como o Burkina Faso, que é realmente um líder na luta contra a excisão, já que a taxa de prevalência - a taxa de excisão das jovens - caiu, acredito. Estamos em torno de 50% ou 60%. Isso só foi possível graças a uma vontade política. Foi criado um número gratuito para atendimentos e informações. No Senegal, também, houve condenação de praticantes da mutilação genital em garotas”, conclui a enfermeira.

---

## **No mundo, 200 milhões de mulheres sofrem consequências de mutilação genital**

No mundo todo, estima-se que pelo menos 200 milhões de meninas e mulheres convivem com as terríveis consequências de mutilação genital feminina (MGF), de acordo com as Nações Unidas. Entre os problemas acarretados pela prática, estão os sangramentos graves e problemas de saúde, incluindo cistos, infecções, infertilidade e complicações no parto.

**[\(IstoÉ, 29/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)**

A MGF é uma das violações mais brutais dos direitos humanos das mulheres e consiste na remoção parcial ou total dos órgãos genitais externos femininos (clitóris, pequenos e grandes lábios) e é feita com maior frequência em meninas entre os cinco e oito anos, muitas vezes em condições de higiene deploráveis. A prática não tem benefícios médicos e as lesões físicas e psíquicas são graves e permanentes.

A mutilação genital feminina ainda é realizada em alguns países africanos,

asiáticos e do Oriente Médio. Estima-se que cerca de 44 milhões de garotas de até 15 anos convivem com o problema. Os países com índices mais altos de meninas mutiladas são Gâmbia (56%), Mauritânia (54%) e Indonésia (50%).

Os países com maiores índices de MGF de mulheres entre 15 e 49 anos são a Somália (98%), a Guiné (97%) e o Djibouti (93%).

Entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável está o fim das MGF até 2030. A meta visa eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas.

## **União Europeia**

Na União Europeia, a MGF é crime mas nem todas as jovens de comunidades imigrantes estão seguras. Cerca de 500 mil mulheres em toda a Europa foram submetidas e mais 180 mil mulheres e meninas encontram-se em risco todos os anos.

“A cultura, os costumes, a religião, a tradição ou a chamada “honra” não justificam nenhum ato de violência contra as mulheres”, disse a presidente da Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade de Gênero, do Parlamento Europeu, Vilija Blinkevičiūtė.

No dia 6 de fevereiro é lembrado o Dia Internacional da Tolerância Zero Contra a Mutilação Genital Feminina e os deputados do Parlamento Europeu voltaram a apelar para a erradicação da prática e solicitaram à Comissão Europeia que apresente as iniciativas realizadas até ao momento.

O Parlamento Europeu pede ainda financiamento mais flexível para organizações que trabalham com a questão e mais formação para as pessoas envolvidas na proteção dos requerentes de asilo por motivos de mutilação genital feminina. A entidade tem também pedido aos Estados-Membros da União Europeia para serem mais vigilantes na detecção, investigação e julgamento dos casos de MGF.

---

# “A mutilação genital feminina é uma violação dos direitos humanos”

*Quem lembra é o secretário-geral da ONU, António Guterres, no Dia Internacional de Tolerância Zero à prática; 30 países ainda realizam a mutilação genital feminina; maioria das vítimas tem menos de cinco anos de idade.*

[\(Rádio ONU, 06/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

De acordo a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a mutilação genital feminina precisa acabar totalmente até 2030. No Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina, neste 6 de fevereiro, o secretário-geral da ONU lembra que a prática viola os direitos humanos.

António Guterres destaca que as mulheres e as meninas que sofrem a mutilação perdem “sua dignidade, enfrentam riscos para a saúde e sofrem de uma dor desnecessária”.

## **O que é**

As consequências duram a vida toda e podem ser fatais. O assessor sênior do Fundo de População da ONU, Unfpa, Elizeu Chaves, explica o que é exatamente a mutilação genital feminina.

“É uma prática realizada hoje em cerca de 30 países do mundo e consiste na remoção de parte da genitália feminina parcial ou integral, da genitália externa. É uma prática que segue valores e tradições de algumas comunidades. Trata-se na verdade de uma violação de direitos humanos, sem nenhum tipo de benefício no campo da saúde.”

Elizeu Chaves foi entrevistado pela ONU News em Nova Iorque. Segundo ele,

existem 200 milhões de garotas e de mulheres no mundo que sofreram a violação. A maioria são meninas com menos de cinco anos de idade.

## **Guiné-Bissau**

Quase metade dos casos ocorre em apenas três países: Egito, Etiópia e Indonésia. O especialista do Unfpa informa que entre as complicações estão sangramentos, cistos, infecções, infertilidade e até a morte.

O Unfpa trabalha com vários países para tentar conscientizar comunidades sobre a importância de pôr um fim à mutilação genital feminina. Elizeu Chaves menciona a Guiné-Bissau e outras nações como casos de sucesso.

“Nossa parceria levou à criação de um módulo de atenção obstétrica e neonatal de emergência, que já incorpora a prevenção à mutilação genital como parte integrante do exercício dos profissionais de saúde. Nos últimos anos, por conta deste programa conjunto, 13 dos 17 países que são beneficiados já estabeleceram uma linha orçamentária com recursos para enfrentar a mutilação genital feminina. Mais de 1,6 milhão de meninas atendidas receberam serviços relacionados à mutilação genital feminina.”

Apesar da maioria dos casos ocorrer na África, a prática também acontece em nações do sudeste-asiático e até da América Latina. A comunidade indígena Emberá, da Colômbia, por exemplo, acredita que a mutilação genital feminina ajuda a prevenir a infidelidade.

---

# **Morte de jovem pressionada Serra Leoa a banir mutilação genital**

# feminina

**(Extra, 18/08/2016)** A morte de uma jovem de Serra Leoa durante um procedimento de mutilação genital feminina (FGM, na sigla em inglês) realizado por uma sociedade secreta administrada por mulheres deveria levar a nação do oeste africano a proibir a prática, disseram ativistas anti-FGM nesta quinta-feira.

Fatmata Turay, de 19 anos, morreu no início desta semana depois de ser submetida a uma FGM como parte dos ritos de iniciação para ser admitida na Bondo, uma sociedade poderosa que realiza o procedimento e que exerce uma influência política considerável, de acordo com vários ativistas.

Três integrantes da sociedade Bondo e uma enfermeira foram presas. Grupos de direitos humanos que fazem campanha contra a FGM, incluindo o FORWARD e o Equality Now, exortaram Serra Leoa a realizar uma investigação minuciosa sobre a morte de Fatmata e proibir a prática.

Serra Leoa tem uma das taxas mais altas de FGM no mundo -nove de cada 10 mulheres e adolescentes são vitimadas, de acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, na sigla em inglês).

“Esta é uma morte desnecessária -muitas vidas são arruinadas pela FGM”, disse Adwoa Kwateng-Kluyitse, do FORWARD, acrescentando que não está claro quantas mulheres e meninas morrem em decorrência da FGM em Serra Leoa.

“Há muitas meninas em áreas rurais que podem ter morrido e sido enterradas sem que ninguém tenha tomado conhecimento”, acrescentou.

Estima-se que a FGM afeta 140 milhões de mulheres e meninas em uma faixa da África e em partes do Oriente Médio e da Ásia e é vista como um caminho para o casamento e uma forma de preservar a pureza.

O procedimento envolve a remoção da genitália externa e causa diversos problemas de saúde que podem ser fatais.

Embora a FGM seja legal em Serra Leoa, uma proibição do governo aplicada

durante o surto de Ebola, e adotada como parte de uma iniciativa de erradicação do vírus, ainda está em vigor.

No ano passado, Serra Leoa se tornou uma das últimas nações do oeste africano a ratificar o Protocolo de Maputo, que trata de uma série de temas que incluem a FGM, a violência contra as mulheres, casamentos infantis e forçados e o empoderamento econômico feminino.

“Não podemos nos dar ao luxo de continuar a deixar meninas morrerem e sofrerem discriminação e violência extrema por causa da FGM”, disse Mary Wandia, da Equality Now, à Thomson Reuters Foundation.

Nigéria e Gâmbia proibiram a prática no ano passado, mas a FGM ainda é legal na Libéria, no Mali e em Serra Leoa.

*Kieran Guilbert*

***Acesse no site de origem: [Morte de jovem pressionada Serra Leoa a banir mutilação genital feminina \(Extra, 18/08/2016\)](#)***

---

## **Americana que sofreu mutilação genital denuncia a prática nos EUA**

***(Veja, 22/06/2016)*** *Filhas de imigrantes são enviadas para o exterior para sofrerem a mutilação, mas o governo americano reconhece que a aberração também é ilegalmente praticada nos EUA*

Mariya Taher, americana que sofreu mutilação genital na Índia quando tinha 7 anos de idade, denuncia que a prática também existe nos Estados Unidos. “Minha irmã sofreu isso nos EUA”, disse ela à emissora *ABC News*. “Eu me lembro dela chorando e que não podia vê-la. Na época eu era uma criança



inocente e achava que isso acontecia com todas as mulheres e agora era a vez da minha irmã”, completou.

Temendo represálias, Mariya já tinha dado uma entrevista à mesma emissora em 2015, mas escondendo o rosto e utilizando um nome falso. Nesta quarta, ela revelou sua identidade com o objetivo de incentivar outras americanas que sofreram a mesma violência a fazer o mesmo. Hoje ela vive em Cambridge, Massachusetts, e faz parte de um grupo de estudos e ativismo que denuncia a prática da mutilação genital feminina.

Mariya afirmou que sua “operação” aconteceu em Mumbai, na Índia, quando foi levada para fazer as “férias do corte” (*vacation cutting*). Muitas americanas filhas de imigrantes são enviadas para o exterior para sofrerem a mutilação, mas o governo americano reconhece que a aberração também é ilegalmente praticada nos EUA. Em alguns casos, médicos realizam o procedimento em clínicas particulares a pedido dos pais. Outras vezes, a violência é praticada na casa das famílias que pagam pelo serviço.

Neste ano, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, órgão subordinado à Secretaria de Saúde dos EUA, estimou que o número de mulheres e meninas que podem ter sofrido o procedimento no passado, ou podem estar em risco de sofrer o processo no futuro, mais do que triplicou entre 2000 e 2013. A agência estimou que mais de 500.000 meninas e mulheres americanas já sofreram ou ainda podem sofrer mutilação genital.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), as mutilações genitais femininas afetam entre 100 e 140 milhões de meninas e mulheres no mundo e esta prática se estendeu nos últimos anos aos países ocidentais por causa do aumento dos fluxos migratórios. O procedimento é praticado por razões culturais ou religiosas.

***Acesse no site de origem: [Americana que sofreu mutilação genital denuncia a prática nos EUA \(Veja, 22/06/2016\)](#)***

---

# OMS lança guia para ajudar mulheres vítimas de mutilação genital

*(Rádio ONU, 16/05/2016) Agência da ONU afirmou que mais de 200 milhões de mulheres e meninas sofrem desse problema que atinge 30 dos 54 países na África; organização diz que mutilação genital causa danos graves à saúde e viola direitos.*

A Organização Mundial da Saúde, OMS, lançou um novo guia, esta segunda-feira, com recomendações para o tratamento de mais de 200 milhões de mulheres e meninas vítimas de mutilação genital.

Segundo a agência da ONU, a mutilação genital feminina não tem qualquer benefício de saúde. Ao contrário, ela pode causar graves danos e viola os direitos de mulheres e meninas.

## **Hemorragia**

A OMS declarou que a prática pode causar hemorragia, problemas urinários, infecções, cistos e até morte. Além disso, os especialistas disseram que a mutilação genital pode resultar em complicações no parto e no alto risco de morte de bebês.

A migração internacional fez com que a prática, prevalente em 30 dos 54 países da África, chegasse a algumas nações da Ásia e do Oriente Médio.

Para a OMS, os trabalhadores de saúde do mundo inteiro precisam estar preparados para cuidar de meninas e mulheres vítimas dessa prática.

A diretora-geral assistente da agência, Flávia Bustreo, disse que “acesso à informação correta e ao bom treinamento podem ajudar a prevenir novos casos e garantir a ajuda necessária a milhões de mulheres que sofreram mutilação genital”.

## **Recomendações**

As recomendações da OMS têm como foco a prevenção e o tratamento, tanto de complicações obstétricas como de depressão e ansiedade.

Outro ponto mencionado no guia é para a chamada “medicalização” da mutilação genital. Isto é, quando os pais da menina pedem aos trabalhadores de saúde para realizarem o procedimento por acharem que “será menos doloroso”.

Para a OMS, “é importante que os trabalhadores de saúde não perpetuem essa prática nociva”.

Desde 1997, há um grande esforço internacional para acabar com a mutilação genital feminina. Em 2007, o Unicef e o Fundo de População das Nações Unidas, Unfpa, deram início a um programa para eliminar essa prática.

A OMS deixou claro que uma medida fundamental para evitar a “medicalização” da mutilação genital feminina é a criação de protocolos e manuais para os trabalhadores de saúde.

*Edgard Júnior*

***Acesse no site de origem: [OMS lança guia para ajudar mulheres vítimas de mutilação genital \(Rádio ONU, 16/05/2016\)](#)***

---

## **A dor de urinar, menstruar e dar à luz após mutilação genital**

***(UOL, 14/05/2016)*** Cerca de 200 milhões de mulheres e meninas em todo o mundo já foram vítimas de mutilação genital.

Muitos se perguntam como é viver com esse tipo de mutilação, passando por situações como urinar, menstruar ou ter um filho.



Hibo Wardere nasceu na Somália e foi submetida à mutilação genital aos seis anos de idade (Foto: BBC)

“A primeira vez que você nota que seu físico mudou é quando você faz xixi”, diz a somali Hibo Wardere, de 46 anos.

***[Leia mais: OMS lança guia para ajudar mulheres vítimas de mutilação genital \(Rádio ONU, 16/05/2016\)](#)***

Hibo tinha apenas seis anos quando foi submetida ao que a OMS (Organização Mundial da Saúde) classifica como mutilação “tipo 3”.

Nesse tipo de procedimento, os lábios vaginais são cortados e costurados, sendo reduzidos a apenas um buraco minúsculo que Hibo compara ao tamanho de um palito de fósforo. O clitóris também é removido.

Ela cresceu na Somália, onde 98% das mulheres entre 15 e 49 anos foram submetidas à mutilação genital.

### **‘Ferida aberta’**

“Uma ferida aberta na qual esfregaram sal ou pimenta – era isso que parecia”, é como Hibo descreve a sensação ao urinar.

“Então você percebe que a urina não está saindo da forma como costumava sair. Sai em gotinhas e cada gota é pior do que a anterior. Todo o processo dura quatro ou cinco minutos, mas a dor é horrível.”

Hibo mudou-se para o Reino Unido quando tinha 18 anos e, meses depois de chegar, foi a um médico para tentar atenuar o problema.

Sem saber falar inglês, Hibo recorreu a um tradutor, que se negou a traduzir o que ela dizia. Mesmo assim, o médico conseguiu entendê-la.

Hibo então passou por uma cirurgia chamada defibulação, que amplia a abertura vaginal.

A solução não é definitiva, tampouco restaura a sensibilidade do órgão. Mas, segundo Hibo, o procedimento aliviou as dores que sentia ao urinar.

### **Bloqueio e trauma**

Sexo também era um obstáculo, afirma ela.

“Mesmo se o médico abriu você, o que sobrou é um espaço minúsculo”, relata.

“O que deveria se expandir já não está mais lá. Então o buraco que você tem é muito pequeno e sexo é muito difícil. Você tem prazeres mas é muito raro.”

O trauma da mutilação também dificulta a vida de Hibo.

“Primeiro você tem um bloqueio psicológico porque a única coisa que você associa com aquela parte de você é a dor”, conta.

“A outra parte é o trauma que você passou. Então qualquer coisa que esteja acontecendo lá embaixo você não vê como algo bom”, acrescenta.

Números divulgados em fevereiro deste ano pela Unicef, o Fundo das Nações Unidas para a Infância, estimaram em 200 milhões o total de mulheres vítimas de mutilação genital em todo o mundo. Indonésia, Egito e Etiópia concentram metade das vítimas.

No Reino Unido, a mutilação genital feminina foi proibida desde 2003. Em 2015, o governo introduziu uma nova lei exigindo que profissionais de saúde denunciem à polícia casos da mutilação em menores de 18 anos.

Ativistas e polícia estão alertando a população sobre o risco de estudantes

britânicas estarem sendo levadas para fora do país especificamente para serem submetidas à mutilação.

Trata-se da chamada “temporada de corte”, que ocorre normalmente no meio do ano (durante as férias escolares).

### **Pouca informação**

Pouco se sabe sobre como as sobreviventes da mutilação enfrentam as sequelas deixadas pelo procedimento.

São amplas as consequências de uma mutilação que em alguns casos envolve a remoção do clitóris (tipo 1), a remoção do clitóris e dos pequenos lábios (tipo 2), remoção dos pequenos e grandes lábios e um estreitamento da abertura vaginal, geralmente, como no caso de Hibo, com a remoção do clitóris também (tipo 3), ou qualquer tipo de mutilação genital (algumas vezes chamadas de tipo 4).

Os sintomas não são discutidos abertamente.

Segundo Janet Fyle, conselheira de políticas para o Royal College of Midwives, especializado em obstetrícia, isso acontece, em parte, porque a mutilação genital feminina é tão normal em algumas comunidades que as mulheres não encaram como um problema.

Além disso, elas não associam as várias complicações de saúde que têm com o procedimento a que se submeteram na infância, acrescenta Fyle.

A rotina para as sobreviventes pode ser triste. De acordo com o NHS, o SUS britânico, essas mulheres ficam mais suscetíveis a infecções urinárias, infecções uterinas, infecções renais, cistos, problemas de fertilidade e dor durante relações sexuais são apenas algumas das consequências.

A cirurgia para “reverter” a mutilação, como a defibulação às vezes é chamada, pode ajudar a aliviar alguns dos sintomas.

Mas Fyle, que é de Serra Leoa – um país onde a mutilação genital feminina é uma prática comum – afirma que o cuidado não é tão simples e pode envolver várias equipes médicas.

“A cirurgia está ligada às consequências (psicológicas) de longo prazo – algumas pessoas descrevem como sendo pior do que transtorno do estresse pós-traumático que (geralmente) afeta soldados que estiveram no campo de batalha”, explica.

## **Gravidez**

Quando ficou grávida em 1991, aos 22 anos, Hibo diz ter ficado aflita com a ideia de que médicos e enfermeiras olhavam sua genitália, que havia sido alterada.

“Lembro de pegar um travesseiro e colocar na minha cara pois não queria sentir a humilhação, a dor. Saber que todos aqueles olhos iriam me olhar era demais”, lembra.

Durante o parto, ela teve flashbacks do momento em que foi mutilada – uma experiência comum entre as sobreviventes.

Na época, ela era a primeira sobrevivente de mutilação genital feminina atendida pelos funcionários do hospital de Surrey, no sudeste da Inglaterra. Nem ela e nem os profissionais de saúde sabiam como tornar o parto mais fácil.

“Antes que eles pudessem pensar no que iria acontecer e como fariam o parto do menino, meu filho veio. Eles tiveram que me cortar. Meu filho na verdade cortou partes de mim também pois ele veio com muita força”, lembra Hibo.

“Eles ainda estava muito chocados e não sabiam o que fazer comigo. Foi horrível e acabei precisando de muito tempo para me recuperar”, acrescenta.

Apesar da experiência, Hibo ainda teve outros seis filhos e os partos seguintes foram bem menos traumáticos. O segundo filho nasceu graças a uma cesariana e ela elogiou o serviço de saúde pública britânico pela conscientização e apoio às vítimas de mutilação.

## **Apoio**

Hibo diz acreditar que foi graças ao apoio do marido, Yusuf, que conseguiu

falar abertamente sobre a mutilação genital feminina.

Mas tanto o casal quanto a família não conseguiram escapar do tabu envolvendo a prática.

A decisão de Hibo de protestar contra a mutilação genital feminina prejudicou o relacionamento entre ela e sua mãe.

Foi a mãe de Hibo que a levou para ser mutilada, reforçando uma crença muito comum na cultura do país de que a prática é essencial para a reputação de uma jovem e suas futuras chances de casamento.

“Minha mãe me amava e ela fez isto por amor”, resigna-se Hibo.

“Ela pensou que estava me protegendo. Pensou que estava protegendo a honra da família. Ela mesma foi uma vítima – e a mãe dela, e a avó dela. Gerações passaram pela mutilação genital feminina e não viram nada errado”, diz.

“Elas pensavam que se não fossem cortadas, iam ficar faladas, iam ser estigmatizadas, ninguém iria se casar com elas. Você será vista como alguém que fica com muitos homens. Era uma proteção para elas e também para a família”, acrescenta.

Hibo e a mãe conseguiram se reconciliar antes de ela morrer. Mas seus sogros não aprovam a decisão do casal de não submeter as três filhas à mutilação.

“Eles acreditam que fiz algo errado para as crianças, eles se perguntam sobre (o destino das) minhas filhas – quem vai casar com elas?”, disse Hibo.

“E aqui estou eu, pensando: ‘Eu me importo com a parte do casamento ou me importo com a saúde delas? Quero que elas sofram o mesmo que eu sofri? Quero que elas passem pelo que passei?’ De jeito nenhum.”

Hibo Wardere escreveu um livro a respeito de sua luta, *Cut: One Woman's Fight Against FGM in Britain Today* (Corte: A Luta de uma Mulher contra a Mutilação Genital Feminina na Grã-Bretanha de Hoje, em tradução livre).



Em um dos trechos, ela descreve o choque de ver pela primeira vez o que tinha sobrado de sua vagina, algo que lhe “tirou o fôlego”.

“Nenhuma proteção, nenhuma beleza, a área entre as minhas pernas parecia areia marrom escura na qual alguém tinha desenhado uma linha fina, então era como se alguém tivesse enfiado uma vara na areia, ali no fim da linha estava um buraco. Minha vagina”.

“Eu podia ver que era um pouco maior do que tinha sido costurado originalmente graças ao médico que me abriu um pouco. Mas estava lá. A única pista de que eu era uma mulher. O resto da minha genitália tinha sido fatiada e jogada fora.”

***Acesse no site de origem: [A dor de urinar, menstruar e dar à luz após mutilação genital \(UOL, 14/05/2016\)](#)***

---

## **200 milhões de mulheres sofreram mutilação genital no mundo, diz Unicef**

**(G1, 05/02/2016)** Pelo menos 200 milhões de meninas e mulheres que vivem atualmente em 30 países sofreram mutilação genital, segundo um relatório apresentado nesta quinta-feira (4) pelo Unicef. O número aumenta em cerca de 70 milhões os últimos cálculos divulgados em 2014 por contar com mais dados de países onde a prática é muito comum, como a Indonésia, e por causa do crescimento da população em alguns lugares.

***Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [200 milhões de mulheres sofreram mutilação genital no mundo, diz Unicef \(G1, 05/02/2016\)](#)***

---

# Gâmbia poíbe a mutilação genital feminina

*(Blasting News, 27/11/2015)* O presidente do país africano, Yahya Jammeh, declarou que a prática, que afeta cerca de 76% das mulheres gambianas, está banida.

A visão de uma menina ou uma mulher sendo submetida a uma cirurgia, na qual grande parte, ou toda a sua genitália externa é removida com uma lâmina, muitas vezes não esterilizada e sem qualquer tipo de anestesia, deixando apenas um orifício no lugar, pode aterrorizar muita gente.

Assim ocorre a mutilação genital feminina (MGF, ou female genital mutilation, FGM, em inglês), prática muito comum em alguns países africanos e no Oriente Médio, e que traz muitos problemas à saúde das mulheres que passam pelo procedimento, como, por exemplo, cistos, dor crônica, infecções, infertilidade e até mesmo hemorragias fatais.

Nos países africanos onde dados são disponíveis, constata-se que a maioria das mulheres que sofrem a cirurgia possuem menos de 5 anos de idade, e estima-se que mais de 130 milhões de mulheres já foram afligidas por esta mutilação em algum grau.

Na Gâmbia, cerca de 76% das mulheres já passaram pelo procedimento, e, destas, 56% já haviam sido mutiladas antes dos 14 anos. Mas, finalmente, o governo gambiano resolveu agir, pois o presidente do país, Yahya Jammeh, declarou, de forma inesperada à imprensa, que a controversa intervenção cirúrgica está proibida.

## **Raízes religiosas, sociais e culturais**

A Gâmbia é uma nação de religião predominantemente muçulmana, e a proibição da mutilação está gerando divisão e polêmica pelo país. Existem pessoas que afirmam que a MGF é permitida pelo Islã, tanto que algumas

autoridades religiosas gambianas já chegaram a negar a existência da mutilação, alegando que o procedimento era somente uma espécie de “circuncisão feminina”.

Contudo, o presidente Jammeh afirmou que o procedimento jamais foi ditado pelo Islã, e, por isso, deve ser abolido de uma vez por todas.

A prática da MGF tem suas raízes em questões culturais e sociais, e foi imposta com o intuito de controlar a sexualidade feminina. O fato está tão enraizado na sociedade local que muitas mulheres têm medo de que, se não passarem pela mutilação, serão excluídas socialmente.

### **Uma grande vitória**

Jaha Dukureh, uma ativista gambiana que luta contra a mutilação feminina, declarou: “Estou realmente surpresa que o presidente tenha feito isso. Eu não esperava isso nem em um milhão de anos. Estou muito orgulhosa do meu país e eu estou muito, muito feliz”.

Jaha disse ainda: “A coisa mais surpreendente é que é época de eleição. Isso pode custar a eleição ao presidente. Ele colocou as mulheres e meninas em primeiro lugar, o que poderia afetá-lo negativamente, mas isso mostra que ele se preocupa mais com as mulheres do que em perder os votos das pessoas”.

O trabalho de Jaha é tão ativo e importante, que ela ajudará as autoridades do país na elaboração da legislação pertinente ao combate e eliminação da mutilação genital feminina.

*Daniel N.*

**Acesse no site de origem:** [Gâmbia poíbe a mutilação genital feminina \(Blasting News, 27/11/2015\)](#)

---

# **Pesquisa mostra que 92% das mulheres casadas no Egito sofreram ablação**

**(EFE, 11/05/2015)** Este número representa uma redução de mais de 3% com relação à pesquisa anterior, que foi realizada em 2008, quando a porcentagem de mulheres casadas de entre 15 e 49 anos que sofreram com a ablação (mutilação genital feminina) alcançou 95,2%. A pesquisa de 2015, realizada por várias instituições nacionais e estrangeiras para o Ministério egípcio de Saúde, mostra também que esta prática está mais estendida entre as mulheres procedentes do meio rural (95%) do que do meio urbano (86%).

***Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Pesquisa mostra que 92% das mulheres casadas no Egito sofreram ablação \(EFE, 11/05/2015\)](#)***